

CP
173

Grego Antigo:

Uma Nova Abordagem

Segunda Edição

Carl A. P. Ruck

Tradução, Notas, Apêndices e Exercícios Adicionais

Jorge F. Piqué

N. 205

Conteúdos

Prefácio à Primeira Edição (1978)

Prefácio à Segunda Edição (1987)

Nota do Tradutor

Uma Nota sobre Pronúncia

Uma Nota sobre Dicionários

Material Introdutório

- 1 Frases Nominais
- 2 Frases Verbais
- 3 Caso Acusativo
- 4 Caso Nominativo
- 5 Pronomes
- 6 Conjugação Temática de Imperfeito e de Aoristo
- 7 Conjugação Atemática de Imperfeito e de Aoristo
- 8 Caso Genitivo
- 9 Vozes Média e Passiva do Verbo
- 10 Caso Dativo
- 11 Infinitivo, Participio e Genitivo Absoluto
- 12 Pronomes Relativos e Indefinidos
- 13 Subjuntivo
- 14 Optativo
- 15 Verbos Temáticos Contratos
- 16 Aoristo Passivo
- 17 Radicais de Substantivos e Adjetivos Tipo III em Υ , ι e Σ
- 18 Futuro
- 19 Comparação de Adjetivos
- 20 Perfeito
- 21 Mais-que-Perfeito
- 22 Orações Condicionais
- 23 Vocativo e Imperativo

Conselho para Estudo Posterior

Apêndice 1: Dual

Apêndice 2: Números

Apêndice 3: Introdução aos Dialectos Literários

Glossário

Verbos: Lista das Partes Principais Imprevisíveis

Índice

Prefácio à Primeira Edição (1978) *

"Quando alguém que aprendia geometria com Euclides¹ finalmente dominou o primeiro teorema", como Estobeu² relata, "perguntou a seu professor, 'Qual é a vantagem para mim em aprender isso?', Euclides chamou seu escravo e disse: 'Dê-lhe um níquel, rapaz, já que ele precisa lucrar com o que aprende'".

Talvez estejamos tão entorpecidos quanto o aluno do geômetra quando perguntamos porque deveríamos estudar grego. As respostas tradicionais, é óbvio agora, falharam em convencer-nos. Pode ser que nosso vocabulário inglês se beneficiasse pelo conhecimento das raízes gregas, mas certamente seria mais eficiente estudar ou as raízes gregas ou o vocabulário inglês. Pode ser que a gramática inglesa fosse mais fácil de aprender se tivéssemos um conhecimento da sintaxe clássica, mas, de novo, seria mais eficiente aprender gramática inglesa do que se aventurar nas complexidades de um sistema lingüístico inteiramente novo. Como é difícil, por exemplo, encontrar dativos em inglês ou interpretar algumas locuções preposicionais como genitivos. É verdade que a literatura inglesa requer frequentemente uma certa familiaridade com a alusão clássica, mas tal conhecimento pode ser adquirido de livros de mitologia clássica e da leitura dos clássicos em tradução. Não consideremos o raciocínio daqueles que alegam que precisamos do grego, ou do latim, para dissecação ou disciplina: experiências infelizes na aprendizagem de línguas clássicas desviaram mais de um aluno da aprendizagem em geral. Não tivessem os meios de comunicação de massa convertido o homem de ser pensante em ser comprante, a resposta a nossa pergunta seria auto-evidente. O grego, assim como os objetos sem preço, não tem valor. "O grego vale a pena?". Não, não se você for capaz de fazer essa pergunta. O grego é comunicação com gênios, é uma experiência estética, é, para falar simplesmente, fruição (...)

Prefácio à Segunda Edição (1987)

Numerosas mudanças foram incorporadas ao texto desta nova edição. A abordagem "horizontal" às formas sintáticas foi conservada, mas a ordem e o conteúdo de cada lição foram revisados. O imperfeito e o aoristo, por exemplo, são introduzidos logo, para que o aluno disponha de mais tempo para familiarizar-se completamente com o tema de aoristo e com o

* Acréscimo à tradução da segunda edição.

1 Matemático grego (séc. III a.C.)

2 Compilador (séc. V d.C.)